

**PARA UM ESPAÇO PÚBLICO**  
**LE CORBUSIER E A TRADIÇÃO GRECO-LATINA**  
**NA CIDADE MODERNA**



**MARTA SEQUEIRA**

**PARA UM ESPAÇO PÚBLICO – LE CORBUSIER E A TRADIÇÃO GRECO-LATINA NA CIDADE MODERNA**

ISBN: 978-972-31-1430-0



9 789723 114300

**FCC**  
**FCT**

**FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**  
**FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA**  
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

**Título – PARA UM ESPAÇO PÚBLICO  
LE CORBUSIER E A TRADIÇÃO GRECO-LATINA NA CIDADE MODERNA**

**Autor – MARTA SEQUEIRA**

**Revisão Linguística – LUIS FILIPE COELHO**

**Edição – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA**

**Tiragem – 500 exemplares**

**Paginação, impressão e acabamento – António Coelho Dias, S. A.**

**Fotografia da capa – Terrço da Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier,  
durante uma quermesse (FLC L1-16-83)**

**© FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA**

**Fevereiro de 2012**

**Depósito Legal n.º 339 339/12**

**ISBN: 978-972-31-1430-0**

Esta obra teve como ponto de partida a investigação realizada para a tese de doutoramento intitulada *A Cobertura da Unité d'Habitation de Marselha e a Pergunta de Le Corbusier pelo Lugar Público*, executada sob a orientação de Xavier Monteyts e apresentada na Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica da Catalunha em Julho de 2008.

## PREFÁCIO

### UMA COMPARAÇÃO OPORTUNA

Este livro aborda o estudo da configuração do espaço público na obra urbanística de Le Corbusier, através de duas das suas criações: o Centro Cívico da urbanização de Saint-Dié, projectado entre 1945 e 1946, e o terraço da Unidade de Habitação de Marselha, projectado e construído entre 1945 e 1952. Dois acontecimentos que se sucedem no tempo, um como prolongamento do outro, coisa que apenas vem confirmar quão acertado é o seu estudo em conjunto.

Traça também um minucioso inventário das raízes destes projectos. Inclui os projectos urbanísticos de Le Corbusier que antecedem estes dois trabalhos, e exemplos que, em muitos casos, remontam à Antiguidade Clássica e aos textos que foram objecto de estudo por parte do jovem Charles-Edouard Jeanneret. A partir de tal ponto de vista, este livro dilata a perspectiva dos projectos, ao propor uma acertada correspondência entre ambos e a ágora da Grécia clássica e o fórum da Roma antiga. Estes espaços não foram, portanto, fruto de uma inspiração repentina ou de uma criatividade arrebatada, mas de uma lenta assimilação de exemplos e conceitos que parecem aflorar, misturados, anos depois de terem sido motivo de estudo por parte do seu autor. Basta observar os desenhos do Fórum de Pompeios ou da Acrópole de Atenas, realizados pelo jovem Jeanneret nas suas viagens – esboços e plantas à mão levantada –, para, quase sem esforço, estabelecermos uma clara relação com os dois objectos deste estudo.

Um projecto urbanístico é examinado especialmente a partir da óptica do seu Centro Cívico, enquanto um edifício residencial (uma cidade vertical, como Le Corbusier gostava de lhe chamar) é observado particularmente a partir da sua cobertura. Fica assim implícita a relação entre as partes, representativas do todo a que pertencem o Centro Cívico da cidade e o terraço da Unidade de Habitação (que passa a ser entendido como o lugar público desta peculiar cidade sobre *pilotis*). Deste modo, a Unidade de Habitação de Marselha, e, em particular, o seu terraço, oferece os seus volumes de betão à vista, para ajudar a ver os desenhos, perspectivas e maquetas de Saint-Dié de um modo mais completo, fazendo assim com que *apareça* a arquitectura do seu centro urbano. O arranha-céus administrativo, o museu em espiral, a câmara municipal e os distintos edifícios que completam o centro de Saint-Dié não podem deixar de se relacionar com os volumes das ventilações, do ginásio, da creche ou da torre de elevadores da cobertura da *Unité*. Esta cobertura, por sua vez, ao ser observada em paralelo com Saint-Dié, evidencia-se como centro cívico; as construções que contém — fruto, nalguns casos, das suas instalações e, noutros, da exigência do programa de equipamentos do bloco habitacional — apresentam-se como réplicas dos edifícios da cidade reconstruída. Deste modo, o projecto urbanístico empresta à cobertura a verosimilhança urbana, enquanto o terraço empresta ao projecto urbanístico a arquitectura.

Do confronto de ambos os projectos, subjaz, além disso, o tema da composição com uma clareza pouco comum, permitindo vislumbrar o método de trabalho de Le Corbusier, baseado numa inteligente versão da simetria, da qual apenas interessa o equilíbrio e a harmonia e não o desdobraimento banal a partir de um eixo central. Inicia-se assim uma descrição de um conjunto de composições de centros urbanos (Bogotá, Chandigarh ou Berlim, para citar apenas alguns) caracterizados pela disposição de volumes que ocupam o espaço, relacionando a sua estrutura e a sua forma com as distâncias entre eles e que lembram os desenhos de Le Corbusier da Piazza dei Miracoli de Pisa. O gosto por esta disposição de objectos em equilíbrio no interior do espaço resulta, por outro lado, compreensível, já que naquele momento, em 1945, a repulsa pela parafarnália nazi de paradas e desfiles era notória, e estas represen-

tavam uma estética da perfeição de que se fugia e que era precisamente a dos destruidores de Saint-Dié, enquanto uma composição baseada no equilíbrio representava melhor o ideal democrático. Este equilíbrio fica perfeitamente representado por uma figura a que Le Corbusier recorre com frequência: a balança romana. Esta representa-se esquematicamente pelos dois pratos desiguais e o cutelo que não está no centro do travessão mas próximo do prato de maiores dimensões, fazendo com que a distinta longitude das duas partes do seu braço compense a diferença de peso. O centro de Saint-Dié e o terraço da *Unité* permitem olhar para a pintura de L. C. e observar a semelhança entre o delicado equilíbrio dos objectos das suas telas e destes espaços cívicos. Aqui, no entanto, é a nossa posição relativa que dá sentido à composição, coisa que não sucede na pintura. Nestes espaços, actuamos nós próprios como o fiel da balança romana, introduzindo a distância relativa entre os objectos para os equilibrar e, portanto, introduzindo *o espaço*, de tal maneira simples e grandioso.

A partir deste ponto de vista, as observações feitas neste livro acerca da obra de Camillo Sitte, *L'Art de bâtir les villes*, são muito oportunas, representando mesmo uma reconsideração dos seus postulados, habitualmente ignorados e classificados de pintorescos. E são oportunas, porque o projecto de Le Corbusier supõe uma total reforma do casco antigo de Saint-Dié, arrasado pelos alemães, substituindo portanto um centro medieval por um espaço moderno, e também porque, ainda que possa parecer que a disposição dos edifícios é aleatória, se baseia, pelo contrário, numa composição compreensível. Para o verificar, basta observar as diferenças entre os desenhos que representam a totalidade do plano com os que definem exclusivamente o centro e ver a distinta posição do arranha-céus administrativo de um lado da antiga rua principal entre a ponte e a igreja, num dos casos, e cortando-a para permitir ver a Catedral e incorporá-la assim na composição do Centro Cívico, no outro.

Nesta comparação, são interessantes as referências aos perímetros de ambas as obras: o obrigatoriedade contorno que limita o conjunto da cobertura da *Unité* — por razões óbvias — confrontado com o perímetro

aberto e apenas insinuado de Saint-Dié. Ambos os projectos ganham sentido de um modo distinto – um através da relação com a paisagem longínqua, o outro através da cumplicidade com o que lhe está próximo. Mas de todas as relações que podem estabelecer-se entre os dois projectos, há uma que não se pode deixar de referir, que é a de que o Centro Cívico de Saint-Dié está claramente definido em dois dos seus lados por *unités*. Partindo do facto de o projecto para Marselha ser imediatamente posterior ao de Saint-Dié, é impossível não pensar que a arquitectura da cobertura deste edifício e a sua concepção como lugar público do bloco habitacional devem ter sido necessariamente concebidas de um modo consciente para Marselha, uma vez que, de outro modo, teriam dado lugar a uma sucessão de centros cívicos em altura, que teriam entrado em conflito evidente com o novo centro urbano, à cota do solo.

Este livro, ainda que não o refira explicitamente, é um estudo comparativo e permite tirar proveito tanto das semelhanças como das diferenças entre os dois projectos analisados, tecendo entre ambos um discurso que torna possível *dizer de cada um delas coisas que, separadamente, não poderiam ser ditas*. Neste ensaio têm um papel determinante as apreciações que se realizam acerca da ágora e do fórum, actuando estes espaços como catalisadores do raciocínio comparativo, como heterónimos de Saint-Dié e da *Unité*, e que permitem ver com maior clareza tanto as ideias partilhadas como as que os distinguem. Basta, para fazer prova desta aquisição de um ponto de vista que surgiu da comparação, a definição que a autora, Marta Sequeira, propõe do *toit-jardin* ou *toit-terrasse* da *Unité*, baptizando-o justamente como *toit-civique*, um nome que, ao lermos este trabalho, nos parece ter passado incompreensivelmente ao lado do mestre suíço.

XAVIER MONTEYS

Barcelona, Dezembro de 2010

## INTRODUÇÃO

É frequente a ideia de que os espaços públicos das cidades de Le Corbusier preconizaram uma ruptura em relação à História. É comum pensar-se que estes espaços em nada se assemelhavam aos espaços públicos que, ao longo dos tempos e até então, se tinham realizado. Esta convicção é alimentada quer pela evidência ofuscante do seu carácter inovador, quer pela interpretação deficiente dalgunas observações do próprio autor – proliferando nas suas obras literárias palavras de ordem que turvam qualquer evocação do passado, como *civilisation machiniste*, *l'esprit nouveau*, *l'architecture de demain*. No entanto, desembragando-nos de um enredado de ideias preconcebidas sobre as quais se construiu uma ideia pouco objectiva de modernidade, e a partir de uma análise cuidada da génese de dois espaços públicos corbusianos exemplares do período imediatamente subsequente à Segunda Guerra Mundial, torna-se evidente que os lugares da vida pública de Le Corbusier não só não estabelecem uma cisão com o passado histórico, como constituem, eles próprios, os testemunhos da inabalável continuidade da criação humana ao longo dos tempos. Demonstrá-lo é o objectivo deste livro.

A investigação aqui plasmada tem como base dois projectos de Le Corbusier: o da reconstrução da cidade de Saint-Dié (1945-1946) – que nunca chegou a ser concretizado – e o da Unidade de Habitação de Marselha (1945-1952) – que foi edificada no Bulevar Michelet. Estes projectos desempenharam um papel paradigmático: enquanto Saint-Dié foi definida por Le Corbusier como um protótipo da cidade moderna,